



» Podcast do Correio | ANA CAROLINA OLIVEIRA | VEREADORA (PODEMOS-SP)

Mãe de Isabella Nardoni, parlamentar paulistana fala sobre o início da carreira política e o combate à violência contra mulheres e crianças, pauta que assumiu depois de perder a filha, assassinada pelo pai e pela madrasta, há 18 anos

“É preciso entender o processo de luto”

» JUNIO SILVA

O luto pela perda da filha num crime que chocou o país — o assassinato de Isabella Nardoni, pelo pai, Alexandre Nardoni, e pela madrasta, Ana Carolina Jatobá, há exatos 18 anos —, levou Ana Carolina Oliveira a buscar a cura na fé e em sua rede de apoio. Também mãe de Miguel, de nove anos, e Maria Fernanda, de seis, que não conheceram a irmã, ela encarou novamente a maternidade e se tornou a vereadora mais votada da cidade de São Paulo na última eleição municipal. Ao Podcast do Correio, a vereadora conversou com as jornalistas Adriana Bernardes e Mariana Niedermaier sobre a atuação política e o processo de luto que precisou viver após o assassinato de Isabella, em 2008, aos cinco anos. A seguir os principais trechos da entrevista.

Nesse processo da Isabella, quando foi que você percebeu que sua dor tinha se tornado um propósito maior na vida?

Em 2023, quando saiu o documentário, com a história dela, o nome da Isabella voltou a tomar essa proporção ainda mais gigantesca. As pessoas queriam saber, depois de todos esses anos que eu não falava. Foi entrevista atrás de entrevista. Quando abri uma rede, as pessoas começaram a me procurar. Gravava um vídeo falando alguma coisa e as pessoas falavam: “Nossa, eu precisava escutar isso hoje!” “Nossa, que bom saber que você está bem”. E aquilo, aos poucos, foi se encaixando e se transformando. Então, comecei a entender que o nome dela, no dia 29 de março de 2008, tinha se tornado algo maior, que nem mesmo podia imaginar. Foi algo como: “Você me representa, você dá a voz”. E surgiu para ser essa voz que, hoje, representa tantas famílias, tantas mulheres, tantas crianças. Não fui eu quem foi ao encontro dessa história; essa história é que veio ao meu encontro. E aqui estou hoje.



Assista à entrevista completa na página do Correio no YouTube

E de que forma você acha que esse seu relato ajuda a cativar as pessoas para que se consiga cuidar melhor das crianças?

Acho que o principal ponto de tudo que trago, de tudo que eu falo, é a verdade. Posso falar sobre os meus sentimentos, sobre o que vivi, sobre o que passei. Quantas famílias não passam diariamente a mesma coisa? A diferença é que meu caso teve repercussão. Então, preciso dar voz ao meu caso, preciso contar meu caso, preciso de justiça — e as pessoas encontraram em mim, talvez, essa fonte. E elas sabem que sou como elas, não sou diferente. Passo perrengue como elas, passei uma dor como elas, falo como elas. Falo realmente o que sinto e o que está dentro de mim. Então, acho que, diante da sociedade que a gente tem vivido hoje, com essa falta de empatia, as pessoas se conectam e falam: “Poxa, vejo que aqui é algo muito próximo do que vivo”. Acho que é isso que gera uma conexão.

Que tipo de ajuda você buscou para viver e sair desse luto? Se é que uma mãe um dia sai do luto da perda de um filho...

O luto se transforma. Você tem que entender o que você passou e o que você quer com aquilo. Existe uma gama de opções do que você pode fazer com aquilo que te aconteceu. Para mim, não era opcional. Precisava lutar por justiça. Mas meu pilar, minha base, foi minha conexão com Deus, que acho que nunca me abandonou e é fundamental

Cássia André/CB/DA Press



para toda e qualquer situação que a gente passe na vida. A minha estrutura familiar e a base que os meus pais e minha família me deram foram cruciais para conseguir não me sentir sozinha e me sentir acolhida. Meus amigos também foram fundamentais — e muita terapia.

A Isabella foi vítima de um crime dentro da casa da pessoa que deveria estar cuidando dela. Foi feita justiça?

Costumo dizer que a justiça é relativa. Porque se a gente pegar tudo que vivemos hoje em termos de crime e acontecimentos, sim, a Justiça foi feita. Eles foram condenados — ele a 32 e ela, a 26 anos de prisão. Mas estão soltos — ela, 15 anos depois, e ele, 16 anos depois. Então, é relativo. Tudo que aconteceu com minha filha, a forma como aconteceu, o crime que aconteceu, cometido por quem deveria zelar e proteger a vida dela... Porque quando falamos sobre pai e mãe, o primeiro

termo que vem à nossa cabeça é sobre proteção e cuidado. Isso também tem se perdido. Foi feita a justiça dos homens, a justiça que está lá na lei. Eles foram soltos conforme está na lei. Mas, aí, te pergunto: isso é justo? Isso é justiça? Ter que estar aqui, depois de 18 anos, falando com vocês, lembrando, me emocionando? Acabei de sair de uma palestra em que saí extremamente emocionada. (Domingo) fez 18 anos que minha filha se foi. Foi um dia devastador para mim, também por coisas que aconteceram dentro da minha casa, por situações que meus filhos vivem hoje por causa de uma irmã que nem conheceram. Você vê que levo o amor para dentro da minha casa, levo a presença da minha filha e tenho que me emocionar enquanto tem gente que está só vivendo e se protegendo. O que é justiça?

Por que escolheu entrar para a vida pública?

Nunca tive pretensão na vida política. Até que recebi o convite da Renata Abreu, do Podemos, e de outros partidos também, para me filiar e vir candidata a vereadora. Não fui eu que fui atrás da política, foi a política que veio até mim. Então, quando uma pessoa me falou assim — “Olha, essa cadeira está aqui, ela pode ser ocupada por você que tem propósito, força e sabe o que quer, ou por uma pessoa que vai ocupar e fazer o que você não quer” —, falei: “Opa, isso faz sentido”. Em abril, me filiei, em agosto comecei a campanha, em outubro era a mais votada na cidade, com 129.563 votos.

Sobre a pauta de violência contra a mulher, onde o Estado e a sociedade estão falhando?

Começa na educação. Precisamos trabalhar a informação, a conscientização. Existem muitas leis. O que acho é que os Poderes não conversam. Vi um caso: 35 medidas protetivas, o cara jogou fogo



Eu acho que o luto se transforma. Você tem que entender o que você passou e o que você quer com aquilo. Existe uma gama de opções do que você pode fazer com aquilo que te aconteceu. Para mim, não era opcional. Eu precisava lutar por justiça”

no carro dela e o filho filmou. Alguém está falhando. O sistema está esperando essa mulher virar uma estatística. Não é falta de lei, é falta de cumprimento. É falta de esses homens entenderem que o que vão fazer tem consequências.

Qual mensagem gostaria de deixar para famílias que tiveram filhos vítimas da violência?

Estou em um outro lugar de cura, 18 anos depois. O que acho extremamente importante para essas mães, para essas famílias, é saber entender o próprio processo de luto. Muitas pessoas ficam nessa busca por justiça e, às vezes, não é só a justiça que vai transformar a vida delas, porque, repito, a justiça é extremamente relativa. Então, naquele momento, me senti grata e honrada por ter a justiça, e depois tudo mudou de novo. A pessoa deve entender seu processo de luto, buscar ajuda se necessário, se fortalecer na sua rede de apoio, ter muito apego e entender que Deus, às vezes, só não fez a história do jeito que você queria. Então, não se entregue. Sou a prova viva de que a gente consegue.



ALEXANDRE GARCIA

SÃO AMOSTRAS DA DEPLORÁVEL DECADÊNCIA MORAL QUE NOS ASSOLA, PORQUE PERMITIMOS, PORQUE ELEGEMOS. ESSA GENTE É ESCOLHIDA POR NÓS, ELEITORES. ALGUNS DIRETAMENTE, OUTROS PELOS QUE NÓS ELEGEMOS

Baixas

Nesses últimos dias, baixarias que costumam ficar sob os tapetes da Corte foram tão gritantes que, embora rotineiramente tratadas como normais, sacudiram corações e mentes dos que percebem a decadência moral. Na quarta-feira passada, um deputado federal batia boca num centro gastronômico do Lago Sul com uma prostituta. Discutiam o preço do aluguel do corpo da mulher (quem oferece dinheiro para ocupar corpo de mulher pode ser enquadrado no projeto da misoginia?). A discussão teve a participação da assessora do deputado e foi jogado um copo de cerveja no rosto da mulher. O tumulto precisou da intervenção da Polícia Militar e foi registrado

boletim de ocorrência na 10ª Delegacia. As imagens estão nas redes sociais. O deputado Luciano Alves (PSD-PR) gravou explicação admitindo estar “utilizado”, justificou-se como solteiro e alegou ter aceitado carona da prostituta, quando ela propôs ficar com ele até o dia seguinte por R\$ 3 mil. Ele diz que discordou do preço e desceu do carro.

Segundo ela, ele não quis descer do carro e a ofendia com palavras “sem classe”. Ela diz ter chamado a mãe dele, que estava à mesa do restaurante com o grupo de funcionários do gabinete do deputado. A mãe teria pedido compreensão com o filho, alegando que Luciano também é filho de Deus. A “acompanhante de luxo” — como ela se denominou em entrevista à imprensa — teria respondido que “não é por ser deputado que ele é mais do que eu. Também sou filha de Deus.

Nós dois somos iguais”. Contou ter chamado a segurança para retirar o deputado do carro dela. Perguntada se já o conhecia, ela respondeu que nunca o tinha visto em festas de deputados. Luciano usa imóvel funcional e assumiu como suplente em abril de 2023. Era apresentador na Rede Massa, do apresentador Carlos “Ratinho” Massa, candidatou-se e teve 24.865 votos, ficando como terceiro suplente.

Depois daquela quarta-feira, a baixaria continuou. Na reunião da CPMI que investigou o roubo dos idosos da Previdência, o relator Alfredo Gaspar (PL-AL) apresentava seu relatório e o vice-líder do governo, Lindbergh Farias (PT-RJ), fez um ataque ad hominem: “Estuprador!” Quando não se tem argumentos a contrapor, ofende-se a pessoa do argumentador. Acusou o relator de crime hediondo. Para

justificar a torpeza, Lindbergh e a senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS) foram à Polícia Federal relatar queixa, contando a história de um estupro de menor, que gerou uma filha, que hoje tem oito anos, segundo eles. Seria falsa comunicação de crime? Pois a filha, de 21 anos, foi às redes e contou ser fruto de uma relação consentida entre dois jovens — sua mãe e um primo de Alfredo Gaspar — quando, já madura, procurou seu pai, ele fez DNA e assumiu a paternidade. O deputado Gaspar, promotor público de carreira, registrou queixa na polícia e no Conselho de Ética e Decoro.

Ética e decoro estão em falta não apenas no Legislativo. O Supremo Tribunal Federal não permitiu à CPMI continuar a investigar e para apurar inteiramente a sordidez de roubar R\$ 6 bilhões de

6,5 milhões de idosos. No STF foi 8x2 (só os ministros André Mendonça e Luiz Fux a favor) pela não prorrogação. Na CPMI, arquivou-se tudo por 19x12. Nesses 19, estão Soraya e Lindbergh, ela eleita como bolsoneira no Mato Grosso do Sul, ele por 152 mil fluminenses. Eles e todos esses 19 que não quiseram apurar tudo representam eleitores. Continuarão os eleitores confiando seu voto a quem não quer apurar um roubo sórdido?

No Supremo, não tem sido diferente: os ministros Gilmar Mendes e Edson Fachin também impediram a quebra de sigilo da Maridit, empresa dos Dias Toffoli. Com isso, indicam que há o que esconder — o que não é surpresa, pois o ministro Toffoli manobrou muito para se proteger. Pelo artigo 37 da Constituição, acredita-se que tudo que se liga ao serviço público tem que ter

moralidade e precisa ser público.

A palavra da “acompanhante de luxo” nos faz lembrar que pessoas públicas não são mais do que ela. Apenas alguns são mais caros. Ela se vende por R\$ 3 mil por uma noite. Eles cobram mais. Alguns por mais de 1001 noites.

Essas são amostras da deplorável decadência moral que nos assola, porque permitimos, porque elegemos. Essa gente é escolhida por nós, eleitores. Alguns diretamente, outros pelos que nós elegemos. A forma de mudar isso nos será oferecida em outubro, na eleição. Está em nossas mãos. Inclusive, na escolha de dois terços do Senado, que pode resgatar o Supremo. Os condutores da nação não podem ser mais venais que prostitutas. Autores de baixarias não podem ser nossos representantes.